

# ARCA DE NOÉ.

Eu farei hum concerto contigo, e tu entrarás na Arca, tu, teus filhos, tua mulher, e as mulheres de teus filhos contigo

*Genesis Cap. 6.º*

Não se aceitam assignaturas para este Periodico; e vende-se os numeros avulsos nas casas dos Srs. Plancher, rua do Ouvidor; João Baptista, rua da Cadca; Albino, Praça da Constituição; Laemert, rua da Quitanda; e na rua da Ajuda n.º 118, preço 80 rs. hum folha.

RIO DE JANEIRO, TYP. DO DIARIO, 1833.

## INTERIOR.

*Continuação do N.º antecedente.*

**R**ESOLVE-SE pôr em scena a *redicula furça*, e acharão que o Sr. Bento da Silva Lisboa, desempenharia optimamente o papel de *buffo*; com effeito encarrega-se d'elle o Sr. Lisboa, e sem pejo passa do character d'*hómem sizado* a fazer hum *papel recitativo*: he verdade que o Sr. Lisboa mereceu os applausos da Floresta; mas grangou também o desprezo dos homens senatos, e que são affectos á Monarchia: Quem acreditaria que o Sr. Lisboa fuzte o que se encarregasse de annunciar á Camara dos Srs. Deputados — que o signal da perda da Monarchia Constitucional seria o dia em que apparecesse a restauração; dando a entender com este enunçiado o pretexto que os inimigos da Monarchia procurão para a derribar; e que mais facil do que offerer se essa occasião á facção, para ter motivo de effectuar os planos da queda projectada, fazendo reaparecer em algum ponto do Brazil essa restauração? Os homens pensantes suspeição, que o Sr. Lisboa, sem querer, deixara cahir hum tal expressão; ou que de proposito a emittira para prevenir alguns espiritos sobre as pretensões, e fias da facção dominante; e a não ser assim, como se poderá explicar o que o Sr. Lisboa avançara na sua denominada mensagem á Camara dos Srs. Deputados, a não considerarmos o Sr. Lisboa de sen-

timentos oppostos aos que até agora professára?

Analizemos a importante peça do Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros, e vejamos quaes os fundamentos em que se escôra hum semelhante producção.

Principia o Sr. Lisboa por lançar em rosto á Camara dos Srs. Deputados a *lealdade do Governo Imperial*, como se não fora conhecida no Brazil, e mesmo na Europa essa lealdade de que tanto blazona o Sr. Lisboa: parece que com este proceder pertendo imitar a certa classe de gente, que mais se exforça por inculcar possuir aquillo, que menos tem; porem se o Governo he leal, como diz o Sr. Lisboa, para que guardou para tão tarde essas participações? ou ellas vierão á mais tempo, ou chegarão de proximo: se á mais tempo; porque não fez sabedora a Nação, procedendo com aquella lealdade de que tanto arrotta? se agora chegarão; como poderá deixar-se de increpar o Governo, que consente que seus Ministros Diplomáticos faltem a essa lealdade, deixando de cumprir seus deveres para com a Nação Brazil-ira espaçando tão importantes communicações? no primeiro caso; o Governo deixa de ser leal; no segundo, (supondo terem vindo Embarcações, de que não ha noticia, com taes officios) não he menos *falta de lealdade* em consentir que os Diplomatas faltassem aos seus deveres; — mas os Ministros já o anno passado participão; — então, ou — essas participações — forão julgadas falsas ou verdadeiras: isto he ou ellas tra-

zião o cunho da veracidade, ou não; no primeiro eazo he a —Camara temporaria— suspeita de connivente nos planos de restauração; porque sendo verdadeiras as participações não tratou das medidas de os frustrar: no segundo: os —Ministros Diplomatas— que já o anno passado faltaram á verdade, e podem mui bem fazer hoje, e o credito que merecerão então, parece, que tãobem o devem merecer agora—mas nesse tempo ninguem podia presumir, diz o Sr. Lisboa, que tendo o Sr. Duque de Bragança abdicado no Sr. D. Pedro II. houvessem pessoas que tentassem de pôr em pratica—huma empreza louca e temeraria— Aqui reconhece o Sr. Lisboa que não he o Sr. D. Pedro, que tal intenta, mas sim *personas*; mas essas pessoas ou estão no Brasil, ou fóra d'elle; a estarem fora, quem são ellas? quaes os meios á sua disposição? quaes as forças que tem? quem as protege?—Nas Nações da Europa não podem encontrar apoio,— como diz o Sr. Ministro; logo não podem essas pessoas serem de fora, e que ainda mais convence da falsidade dos officios (a havellos) dos Diplomatas: —e se essas pessoas— estão dentro do Imperio, como figura aqui o Sr. —Ministro dos Negocios Estrangeiros? O Governo— seja vigilante, se isso lhe convem ou pode: passemos em silencio a redicula —historieta do Sr. Lisboa— de se dezacreditar a Regencia, e por onde pretende tirar a illação de planos de restauração: todos sabem que a —regencia obra por si:— e se seus actos forem justos, ninguem a poderá desacreditar; elles a justificarão, quando tal se pretendia; e se suas acções forem tiránicas e injustas, he *ella mesma que se desacredita a si*: — as commoções— que tem havido em diferentes pontos do Brasil e que servem tãobem ao Sr. Lisboa na sua —mensagem— para ter motivo de suspeita de restauração só provão o desgosto, e discontentamento da massa geral da Nação, e o que não acredita muito a —lealdade do Governo Imperial—

Continua o Sr. Lisboa com os seus itens de não acreditar: n. 1.º Item; diz ter motivos para suspeita porque huma das condições impostas aos individuos, que se tem engajado para o Exercito do Sr. D. Pedro, he o servirem por tres annos podendo seráo empregados fóra de Portugal; — e conclue daqui o atilado Sr. Lisboa, que he infalivelmente para o Brasil; parecendo ignorar que a Africa e a Ilha da Madeira, que não querem reconhecer o Governo da Era. D. Maria 2.ª, sejão pos-

sessões Portuguezas: outra razão para as suspeitas do Sr. Lisboa, he — que ãos Inglezes se promette tãobem o enviaos para a sua Patria; como se só do Brasil possão ser enviados para a Inglaterra, e não de Lisboa e Ilha da Madeira, &c. &c. outro motivo para suspeita, segundo o Sr. Lisboa, he o — não haver Polacos algum. no exercito do Sr. D. Pedro, pela razão clara, diz o Sr. Lisboa, de que elles e seus Officiaes exijão não serem empregados fora de Portugal; e que he motivo de suspeita ao nosso homem d'Estado para a restauração: Os Polacos provavelmente não quizerão sujeitar se ao clima d'África, ou mesmo ao da Ilha da Madeira; e conclue o Sr. ministro, que elles não gostão do Brasil: diremos com tudo ao Sr. Lisboa que o enganarão; e que o exercito do Sr. D. Pedro conta perto de 300 Polacos; de-se o Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros ao trabalho de ler os Jornaes Francezes, e no Courier Franças de Março verá que se faz menção de Polacos sahidos de Brest para o Porto, sem contar os que partirão dos outros pontos da França para o mesmo fim; e agora que dirá o Sr. Lisboa? Continua ainda com o seu conto em itens, como propriamente lhe chamou a Illustrada Comissão de Senado no seu Parecer; porem o Sr. Lisboa, o que queria era ver a guerra civil, dar força ao partido que o dirige e obter os meios extraordinarios, que só tinha em vista; embora ficasse reconhecido por hum Novellista, ou Palluço da defensora!

O *Catão* julgou que o melhor meio de dar a conhecer as sandices e falsidades de que está recheado ham artigo do *Themis*, era o transcrevello por extenso em suas paginas sem lhe addicionar algumas reflexões; nós porem, perdoe-nos nosso honrado Collega, não concedendo a todos os Leitores a mesma penetração para distinguir á primeira vista a pobreza de ideias, e as mazelas do auctor do artigo, e que até tem o descoco de se mostrar empenhado na descoberta de hum *governo sui generis*, não nos satisfazemos com o vet o artigo simplesmente transcripto no *Catão*; embora o nosso estimavel collega, recendo offender a intelligencia dos Leitores, julgasse desnecessario o fazer-lhe a devida analyse, nós todavia pensamos não será de todo inutil o dar o devido desenvolvimento á pergunta do *Themis* — será possível huma restauração?

O auctor do artigo, não negando a possibilidade de huma restauração, e subordinando-a sim, bem como nós, á vontade do Omnipotente, acarreta a esmo a destruição da esquadra de Philippe 2º, que pertenceo suguitar a Inglaterra, como se o Sr. D. Pedro estivesse no caso d'esse que intitula demónio do Meio Dia, e pertendesse suguitar o imperio que fundou a dominio estrangeiro; ou como se possa haver paridade entre a Inglaterra disposta a repellir o jogo de huma Nação estranha, e o Brasil no hypothese de declarar sua livre vontade de ver restituído ao Throno o Monarch Liberal, que só aspira á felicidade do imperio Brasileiro. Diz o *Themis* " Restituído D. Pedro ao Throno do Brasil (pela vontade do Omnipotente, he entendido) ou pertende abraçar-se com o sistema Constitucional, ou pertende lançar os ferros do despotismo. Na primeira hypothese (continua o *Themis*) a existencia d'esse Principe sobre o Throno será ephemera. Ora ahi temos nós, como se desmascarão a si mesmos os inimigos da Monarquia Constitucional, e mostram a paixão que os Nomina por hum governo *sui generis*: isto he: hum governo em que possam occupar-se mesmo á custa das desgraças do Povo; e ainda que esse governo só tenha curta duração: dizem ser Monarquistas Constitucionais, mas se o Monarcha se abraçar com a Constituição, não se peão de pronosticar-Lhe ephemera sua duração!

Na segunda hypothese, para nós inadmissivel, porque o Sr. D. Pedro não quer governar senão Constitucionalmente, tambem terá de soffrer, segundo o *Themis*, huma segunda queda: aqui temos a justiça, e razão do Lobo da fabula para com o innocente cordeiro, ou desempenhado pelo *Themis* o ditado — prezo por ter cão, prezo por não o ter.

Continua o *Themis* " na hypothese de frustrada a restauração, e entregue o Brasil a si, e somente a si, attendendo-se ás regras e principios geraes de Politica, *o aspecto futuro he na verdade medonho, a anarquia parece inevitavel; e facil he de ver, diz o Themis, a que horrores pôde levar-nos a dissolução da ordem social.* Ora aqui reconhece o *Themis* que se se quizer evitar esses horrores a que pode levar-nos a dissolução da ordem social se torna indispensavel a **RES-TAURAÇÃO**; e no mesmo passo que faz esta confissão lembra-se de recorrer á feitura de hum governo *sui generis*, que só

elle pôde saber o que he; e isto despresendo-se as regras geraes, e principios de Politica: em que estado não está a pobre cabeça do auctor do artigo, que ainda conhecendo o remedio ao mal o quer deixar de tomar só para adquirir a gloria de *inventor*, ainda que d'ahi se siga a dissolução da ordem social! o *Themis* he Chimango sem contradita.

O nosso Governo parece estar com o enfermo, que nos procismos da morte lança mão de todos os medicamentos, tomando muitas vezes em lugar de triaga veneno, com que ainda incurta mais a triste existencia, longe de a prolongar, como intenta; porem o enfermo que lança mão de tal extremo, não se pode supor com justo fundamento, que a *dementia*, e não a razão, o domina? A conservar *perfeito juizo*, deixaria de conhecer que para o mal que não tem cura, o unico remedio he *morrer*? Conhecemos quanto he clara a vida; e que o temor de sua perda não pode deixar d'ocasionar grandes desgostos; mas o querer conservar *á forte seus espiritos vitales*, ou á custa da existencia de milhares *d'entes*, que tem o mesmo direito de pagar pela propria conservação, he o que parece o somnoloso da loucura humana; e muito principalmente, quando todos os esforços e insanos desejos do *agonisante enfermo* não o poderão isentar de huma *morte certa*, e infalivel: ora se o *nosso Governo* se acha no caso do *moribundo enfermo*, se el tem necessariamente de *morrer*, *morrer* muito embora; para que hade pertender suffocar milhares de victimas á sua *precaria existencia*? Para que fazer uso de *medicamentos*, que nem o poderão salvar, e antes influirão para o levarem com maior brevidade ás bordas do tumulo, ou collocal o á *porta inferi*? Não se dá maior loucura.

Nesta consideração, parece que só a *dementia*, ou a *maldade* podia induzir os diferentes ministerios a exigirem nas propostas que hão feito, meios *extraordinarios*, concedidos os quaes não haveria nem garantias para os Cidadãos, nem segurança para o mesmo Governo; porque a desesperação desconhece os meios de branduro e de prudencia; e quasi sempre são fataes seus resultados *aquelles*, que derão occasião para ella se exercer. A tyrannia só serve para mais exacerbar a bilis, e fazer arrebanhar-se a mesma mansidão do povo contra seus oppressores; e que resultados colherião *nosso demagogos* de taes

actos de tyrannia, que não fossem identicos aos que obteve hum *Robespierre*, hum *Danton* e outros! Mas quem tão falto de senso invejará as honras funebres de *taes monstros*, ainda que não desdenhe imital-os, em sua conducta politica?

A que epocha cheg mos nós! qualquer *bigorriha chimango* se julga *regulo*, e *regulo*, que quer ser obedecido em sua vontade, escutado em seus caprichos; quem tão *fofo* e *presumpçoso*, a não ser o Sr. *Luiz Alves de Lima*, ousaria ameaçar hum Magistrado do Povo, hum digno Juiz de Paz?

Quem he o Sr. *Luiz Alves* para se julgar acima da Lei, e exigir que o mere-tissimo Juiz fizesse d'elle excepção, atten-dendo á sua *importante personagem*? Ignora o Sr. *Mojor Luiz*, que a Lei he igual para todos, ou o ser filho do Sr. *Francisco de Lima*, que está huje na regencia da he direito para collocar se acima da Lei, e ameaçar o Juiz, que a cumprio? Ignora o Sr. *Luiz*, que por hum tal acto se constituiu criminoso, e que o mal que possa provir ao meritisimo Juiz lhe deve ser imputado? Nem o proprio pai, Sr. *Luiz*, lhe poderá valer, se *estovada e atrevidamente* quizer postergar as Leis; nem o proprio pai, Sr. *Luiz*, se as offender, pode eximir-me do castigo, que ellas ful-minão aos criminosos; nem a dignidade do Povo Brasileiro soffrerá que *sevandijas despresiveis* desacatem impunemente a au-toridade, filha da sua eleição, e que as Leis e a justiça sabe repetir; é quem he o Sr. *Luiz* para tanto se atrever?... perante a Lei todos são iguaes; e á face d'ella o mesmo creado do Sr. *Luiz*, se for Cidadão, não lhe he inferior; como então exigir *preferencias, e excepções* a não ser ou hum *chapado ignorante*, ou hum furioso *atrevido, e orgulhoso*? O Sr. *Luiz* escolha 'o que melhor lhe convier, sem que a escolha o possa subtrahir á puni-ção, que requer o crime, que perpetrou

He, ou não o Governo aggressor de nos-sas liberdades! Que milhares de provas não offerece sua conducta tyrannica, desde que o timão dos Negocios do Estado foi entregue a mãos imberis, a mãos par-ricidas, e que sustentão o alfange da ty-rannia! O Patriota magoado vendo com-der a Liberdade golpeada a cada momen-to, os direitos do Cidadão vilmente pos-tergados, cheio de indignação, e despeito não pode deixar de exclamar "Oh tyran-ny! até quando exercereis vosso dispoti-

co poder! até quando durará vossa op-ressão! Não vos compungem, não vos sensibilisão os males da afflicta Patria, de que vós, e só vós sois a origem? Des-cei infames da 'cupula do edificio social, a que indevidamente vos elevastes; e sa-bei que, se a razão, a justiça, e o de-ver não tem sobre vós imperio, a força... sim a força das circumstancias vos obrigar-á a descer: mas não; cabreis, e ca-hireis com estrondo; porque vossos crimes não ordinarios, não permitem pouxada e mansa queda; se só a hum jugo ty-rannico sabeis levar-nos, se á Patria não po-dieis fazer a felicidade de que bisonaveis, para que vossas invectivas ao Poder que constitucionalmente governava? para que vos constituisteis cabeças de rebelião, e rebelião inaudita, se só sabeis opprimir-nos? Quando he que a eleição popular, essa nobre regalia de hum Povo, livre, e sem a qual he vão, e illusorio o sis-tema Representativo, foi, como tem sido por vós torcida a geito, e indignamente menoscabada? Quando, fallai ó Cidadãos, quando visteis vossos direitos tão ludibria-dos, quando commetteria hum governo a infamia, e baixeza de equiparar se ao *vil trapaceiro* que tudo enreda, e sonega? vós o observastes a pouco com a nomeação de hum Commandante da escolha vossa, digno, porque tal'o julgasteis; e vossa vontade he livre pela mesma lei, que as-sim o quer: mas o *vil trapaceiro*, por-que não o quer, a Lei illude e despreza. O' infamia! O' baixesa!

*Aguilhada aos chimangos.*

O' lá da Nau! — Que dirá — Quem vem ahi? — He Elle... — O que traz? — PAZ, E UNIAO — O que pretende exportar? — *tres laranjeiras só, e hum pé de Chi-mango* — Entre, entre, que teñ carga vome-pta: pum... pum... pum... Viva! seja bem vindo! pum... pum... pum...

*Mais huma ferrôada.*

*Ha doidos, que vendem ciso.*

Consta-nos que está no Hospital da Mi-zericordia por demente hum homem par-do, que entre alguns ditos jocosos d'elle, não deixa tãobem de ter sua graça a se-guinte lembrança — diz o pobre pardo mui serio — Os Inglezes, os Francezes, os Portuguezes fizeram a sua restauração, e só nós Brasileiros não havemos de fazer a nossa! nada, isto não pode ser; não havemos de ser menos que os outros.